



“PROF, TEU CABELO É LINDO, EU QUERIA QUE MEU CABELO FOSSE COMO O TEU!”: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O RECONHECIMENTO E O EMPODERAMENTO DE MENINAS NEGRAS NO PIBID PEDAGOGIA ANOS INICIAIS.

Luana de Oliveira¹
Dyenifer Maciel Fagundes²
Gabrieli Oliveira da Silva³

Daniele Noal Gai⁴
Dóris Bittencourt Almeida⁵

Este resumo expandido consiste em um relato de experiência proporcionado através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no subprojeto Pedagogia Séries Iniciais. A prática aqui relatada foi desenvolvida em uma escola da rede pública de Porto Alegre com turmas de terceiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental durante o primeiro semestre de 2017.

Com base em uma proposta pautada na educação sensível, desenvolvemos um conjunto de atividades tendo como eixo central os direitos humanos. Observamos que nas turmas estava evidente a necessidade de que os alunos reconhecessem os seus próprios direitos, principalmente o direito à igualdade e a liberdade.

Apesar de muitos de nossos alunos serem negros, a maioria deles não conhecia suas origens. Devido a esse contexto nosso principal objetivo foi demonstrar aos alunos diversas colaborações dos negros para a constituição da atual sociedade brasileira para que estes se reconheçam e se sintam empoderados.

¹* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Licenciatura em Pedagogia. luoliveirasm@gmail.com

²*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Licenciatura em Pedagogia. dyenifermf123@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Licenciatura em Pedagogia. gabriellyoliveira88@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. daninoal@gmail.com

⁵ Doutora em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. almeida.doris@gmail.com



No desenvolvimento das atividades buscamos proporcionar aos alunos momentos de reflexão, experimentação e aprendizado utilizamo-nos para isso de recursos como a literatura, a capoeira, rodas de conversa e uma oficina que ensinava diferentes maneiras de utilização de turbantes.

Pensando na realidade de nossos alunos, decidimos nos aprofundar na cultura africana. Mas vale lembrar que as meninas e meninos negros que demonstraram algum conhecimento a respeito da história dos negros e de elementos que são da herança cultural africana, conhecendo pouco ou bastante, não demonstravam ou falavam sobre. Dado que historicamente não há uma valorização da história africana em nossas escolas.

No princípio, planejamos tratar sobre a história do Brasil para que mexêssemos na ideia do senso comum de que o índio é aquele que anda nu e com um cocar na cabeça, e também para que o negro não fosse estigmatizado pela nomenclatura escravo, reduzindo toda a vida do negro no Brasil somente a escravidão. Visto que os povos indígenas e os povos negros não são só isso e por desconhecer a história as crianças vivem nessa estigmatização e pensam que a história dos seus descendentes se resume a escravidão muitas vezes desconhecendo as contribuições culturais deles.

Iniciamos nossas práticas contando a história da chegada dos portugueses e contestando o termo descoberta, pois refere-se a algo que estava encoberto. Ao fim da aula nós e os alunos concluímos que de fato foi uma invasão pois já haviam povos nativos morando no Brasil.

Porém, esse processo de reflexão nos trouxe algumas questões: o não reconhecimento dos índios como os primeiros e verdadeiros donos desta terra e ainda diziam que os índios eram ignorantes, justificando assim a exploração que os portugueses fizeram das riquezas minerais que aqui existiam, outros sentiam pena pela escravização dos negros e só sabiam sobre isso. Mas sobre a cultura que os negros africanos trouxeram para nosso país, sobre a filosofia africana, sobre os turbantes das mulheres negras poucos sabiam.



Em uma das aulas, percebemos o quanto era importante falar sobre o cabelo afro após uma aluna se direcionar a uma das professoras dizendo: “Prof, teu cabelo é lindo, eu queria que meu cabelo fosse como o teu!”, um cabelo liso. Pensando na importância do reconhecimento do cabelo das alunas trouxemos a leitura: Dandara seus cachos e caracóis de Maíra Suertegaray, que conta a história de uma menina que não se identificava com o seu cabelo e não o encontrava em suas bonecas de cabelo liso e nos desenhos infantis em que as princesas também tinham cabelo liso, após conhecer sua história e de sua cultura através do cabelo começou a se reconhecer como menina negra, com um cabelo afro e que carrega uma história como todos nós.

Convidamos duas mulheres negras e estudantes de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Greice Alves e Shayane Silva para que conduzissem uma oficina de turbante e que contassem sobre a história dos negros, pois sentimos a necessidade de que nossos alunos ouvissem sobre a história dos negros através de duas professoras negras.

A capoeira foi outro elemento importante que despertava a curiosidade de nossos alunos e alunas sobre sua real origem, escolhemos utilizá-la como outro recurso para apresentar a cultura e a história dos negros. Sendo ela desenvolvida pelos negros que vieram para o Brasil escravizados e reconhecida como patrimônio cultural imaterial da humanidade.

Convidamos para essa oficina a estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do sul, Victória Jantsch Kroth, que pratica capoeira. Além das crianças se divertirem com a dinâmica que foi proposta, elas tiveram esclarecimentos sobre como funcionam os jogos na capoeira, as divisões, a diferença entre capoeira angola e regional e sobre algumas peculiaridades da história da capoeira que foi trazida pela convidada.

A partir da elaboração dos planejamentos de aula que abordavam os direitos humanos, juntamente com a constituição da história do Brasil dando ênfase à cultura Africana ficamos ansiosas para saber se alcançaríamos os resultados que desejávamos.



Quando confirmamos nossa hipótese e identificamos que entre as meninas negras a maioria alisava seu cabelo, não reconhecendo o seu cabelo afro como um cabelo bonito.

Descobrimos através dos relatos que muitas meninas ouviam mesmo dentro de casa frases como: “esse teu cabelo ruim”, “vamos alisar para ficar bom” entre outras, fazendo com que as alunas odiassem seus cabelos. Surgiram então outros relatos em relação à descriminalização racial e de classe social sofrida e por vezes presenciada pelos alunos.

Nossas aulas surtiram um efeito notório em todos os alunos, o que foi arrepiante para nós como professoras ver nossas alunas e alunos se reconhecendo na história e gostando dela. Após a oficina de turbante e a leitura do livro “ Dandara, seus cachos e caracóis”(SUERTEGARAY,2015) as meninas negras vieram com turbantes, com seus cabelos soltos e livres de chapinha. É necessário que “ensine-lhe a sentir orgulho da história dos africanos e da diáspora negra. Encontre heróis e heroínas negras na história. Existem. Você talvez precise contradizer algumas coisas que ela aprenderá na escola” (ADICHIE, 2017), visto que infelizmente o ambiente escolar ainda dá muita ênfase e prestígio as história e cultura de uma minoria elitista, de maneira que acaba reproduzindo o apagamento das nossas verdadeira raízes.

O tema era muito próximo deles, pois vivenciavam todos os dias, sentiam na pele, e isso trouxe transformações não somente neles, mas em nós por participarmos desse processo e podermos observar o quanto é necessário que os alunos possam contribuir. Eles estavam engajados e isso também nos motivou, tornando prazeroso para todo nós.

Ao ver nossos alunos em um crescente avanço em conhecimento não só da cultura africana, mas das questões de classe e gênero nos deixou intimamente realizadas, sentimo-nos orgulhosas.



Palavras-chave: Identidade Negra. Feminismo. Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: Um manifesto**. São Paulo: Companhia das letras, 2017. p.52.

SUERTEGARAY, Maíra. **Dandara seus cachos e caracóis**. Porto Alegre: Mediação Editor , 2015.